

A CRIANÇA FACE ÀS PERSPECTIVAS DE DESCOLONIZAÇÃO DAS INFÂNCIAS

Geni de Oliveira Lima

Faculdade Integrada A Vez do Mestre/SME São Gonçalo

(genilima@gmail.com)

Adriana do Carmo Corrêa Gonçalves

Faculdade Integrada A Vez do Mestre/UERJ/SME - RJ

(dendrikagoncalves@gmail.com)

RESUMO

Fundamentadas na abordagem metodológica de pesquisa qualitativa, este trabalho tem como escopo, positivar a imagem e o reconhecimento da criança como sujeito político-histórico-sociocultural, reforçando sua condição cidadã diante dos processos sociais de colonização e descolonização. Ressaltamos a necessidade de perfilhamento identitários na formação de professores de educação infantil, a partir do reconhecimento do contexto sócio-cultural dos atores sociais envolvidos. Trata-se de um estudo de caso, na rede municipal de São Gonçalo/RJ, com foco exclusivo no cotidiano escolar, envolvendo profissionais que atuam na educação da primeira infância. Para tal, será realizada uma revisão/reconstrução conceitual de infância e das representações idealizadas de criança. Considerando-se os mais diversos mecanismos de homogeneização individual e coletiva, ressaltando também as discussões em prol das diferenças, evidenciando os mecanismos nos quais as crianças são vitimadas por posturas eurocêntricas, bem como a (des) articulação teóricas e práticas pedagógicas antagônicas a diversidade.

Palavras-Chave: infância, formação de professores, descolonização e diversidade

1. INTRODUÇÃO

O tema abordado, “A criança como sujeito político-histórico-sociocultural face às perspectivas de descolonização, almeja trazer à baila o lócus da formação de professores de educação infantil, frente o cotidiano escolar, através de uma necessária revisão conceitual de infância e das representações de criança. Ora, se as relações no cotidiano escolar se articulam em redes, o entendimento de tudo é um grande desafio, pois dependemos uns dos outros para conseguirmos atingir objetivos muito maiores, sendo imprescindível a realização de conexões entre saber e o fazer, para ensinar e sinalizar que as relações de cotidianidade na escola são tarefas bem mais complexas do que há tempos, seja ainda pela manutenção do antigo paradigma, ou seja, especialmente, pelo papel atual da escola como espaço de fomentações.

A ausência de especificidade técnica na formação, bem como o sentimento de desprestígio em relação à prática docente dos professores de educação infantil, em

decorrência das memórias e dos valores constituídos, a partir da concepção histórica e cultural sobre infância, contribuíram para a construção de uma baixa estima docente. O magistério na educação infantil ganhou maior visibilidade a partir de 1988, quando a Constituição Federal reconheceu a criança pequena como sujeito de direito da educação, anteriormente, os investimentos e as políticas que visavam formar professor para essa área eram poucos incentivados.

Muitas nuances estão envolvidas no magistério para a primeira infância, há uma urgência nesse reconhecimento, os profissionais têm em sua prática pedagógica uma premissa que é a indissociabilidade entre cuidar e educar, em função das demandas do público infantil. E, por vezes, os cuidados inerentes à prática pedagógica é confundido com um trabalho de menor prestígio. Muitos profissionais se afastam da educação infantil, pois não querem ser associados à babás.

Muitos são os sentimentos e as incompreensões em torno do magistério na educação infantil, por isso, as complicações para a construção da identidade do professor de educação infantil. Estabelecer um único referencial de identidade é incoerente com a perspectiva que pretende reverter a ordem, pois busca nesta ancoragem a ideia de que a identidade não é fixa. Neste processo de identidade móvel, investimos constantemente nos processos de identificações com as identidades de professores de educação infantil. Empreendemos esforços para que os professores entendam os dilemas e nuances que envolveram e envolvem política e historicamente o trabalho com crianças pequenas, para tanto, ancoramos nossas discussões nas proposições do livro: “professora sim tia não”.

No campo educacional, entendemos o papel preponderante e ativo que desempenham os sujeitos educacionais, sejam alunos ou professores, deste modo, nosso estudo enfatiza os fazeres docentes, considerando os professores como produtores de cultura, história, saberes e práticas.

Diante do exposto, assumimos como objetivo geral do trabalho, problematizar alguns apontamentos referentes à formação de professores e construção e (des) construção de discursos hegemônicos de uma infância idealizada e a evolução histórica da representação cultural e pós-colonial das crianças do município de São Gonçalo/RJ. Para ampliar os debates ao longo da pesquisa, adotamos algumas questões de estudo, compor fontes e documentação sobre a rede de conhecimento e as práticas dos professores de Educação Infantil na rede de São Gonçalo; pesquisar os fatores que incidem no desenvolvimento de questões metodológicas, intelectuais e conceitos e representações de infância dos professores de

Educação Infantil e valorizar o profissional da educação infantil, por meio do registro e sistematização de práticas pedagógicas que resgatem a memória individual e coletiva a partir das relações constituídas no dia-a-dia da escola.

DISCUSSÃO:

A urgência da desconstrução do marcador da criança abstrata, que fortalece o ideal de que todas as crianças são iguais e que a infância é uma categoria única, corresponde a um ideal burguês de negação da história do colonizado, determinada pelas modificações causadas pelas formas de organização de sociedade e pelos aspectos sociais, culturais, políticos, interferem na formação dos sujeitos. Situa ainda, a desigualdade como delineador de tal concepção ao instituir um modelo de criança que não corresponde a maioria das crianças do Brasil.

Neste contexto, percebemos que o processo de colonização se incumbiu de encobrir à diversidade dos diversos grupos, desta forma a padronização, o silenciamento das vozes e a exclusão dos diferentes são características históricas que legitimaram o inculcamento de ideologias, costumes e hábitos dos colonizadores, imperando uma concepção etnocêntrica.

Segundo Motta e Frangella, (2013) A infância é especialmente prejudicada entre todos os grupos e categorias sociais excluídas, seja pela inaudibilidade destes sujeitos, seja pela invisibilidade pelas políticas públicas, seja pela pelos ritos sociais e culturais de subalternidade a que são submetidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Tratar-se de um assunto ainda novo na história da educação brasileira, na medida em que nem sempre a criança na faixa etária de 0 a 5 anos teve seu atendimento educacional assegurado em nossas políticas e práticas sociais e educativas.

A concepção abstrata de uma infância, distanciada das condições de vida das crianças e o modelo de “ser criança” e de infância do colonizador, atravessam a formação docente com pré-determinismo e inculcamento de uma realidade que não nos pertence.

Estabelece-se o desafio de ressignificação da prática docente, a partir da reconstrução conceitual das infâncias e do entendimento da criança em relação ao seu contexto social, contrapondo-se a concepção de infância estabelecida pelo pensamento pedagógico.

REFERÊNCIAS:

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. A Pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, Ivani (Org.). Metodologia da pesquisa educacional 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

- CANDAU, Vera Maria e MOREIRA, Antônio Flávio. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CANEN, Ana. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. Comunicação e política, v.25, nº 2, p. 091-107, 2007.
- CANEN, Ana; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. (orgs). Ênfases e Omissões no Currículo. Campinas/ SP: Papyrus, 2001.
- FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global editora, 2007, 2ª edição
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).
- _____ Pedagogia do Oprimido. 47 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- MOTTA, Flávia Miller Naethe; FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. Descolonizando A Pesquisa Com A Criança-Uma Leitura Pós-Colonial De Pesquisa. Revista da FAEEBA, v. 22, n. 40, 2013.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes [et al]. Creches: Crianças Faz de conta & Cia. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação)